

VARIAÇÕES DA ABORDAGEM DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NAS TELENOVELAS A PARTIR DO CASAL CLARA E RAFAELA, DE “MULHERES APAIXONADAS”

José Agostinho Correia Junior
correiagostinho@uol.com.br

Mateus Dias Pedrini
mateus_pedrini@hotmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo

INTRODUÇÃO

As telenovelas¹ brasileiras são uns dos principais veículos de comunicação em massa produtores de opinião e de discursos do público sobre temas com os quais o público lida cotidianamente (alcoolismo, corrupção, infidelidade, uso de drogas, doenças, relações parentais). Nesse sentido, Lopes (2003) reforça que a novela possibilita a visibilidade pública de determinados assuntos que antes eram apenas discutidos no âmbito privado. Dentre as temáticas que mais ganharam visibilidade, destacam-se as referentes à homossexualidade (ou homoafetividade).

Decerto, a emergência da abordagem sobre a homoafetividade nas novelas se deu na década de 1970 e os primeiros personagens homossexuais eram relacionados à criminalidade e ao estereótipo da “bicha louca” e/ou “afetada/afeminada” (PERET, 2005; COLLING, 2007). Com as personagens lésbicas o movimento ocorreu diferentemente. Segundo Peret (2005), a primeira novela que tentou abordar a homossexualidade feminina foi “O Gigante” (1979) e o envolvimento homoafetivo das personagens foi censurado antes mesmo deste se concretizar. Ainda na lógica da censura e/ou da insinuação, a novela “Ciranda de Pedra” (1981) apresenta a primeira personagem lésbica, Letícia, jovem feminista, de aparência e trejeitos masculinizados.

Apenas posteriormente, em “Vale Tudo” (1989), surge o primeiro casal lésbico – Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Protchaska), ambas inscritas dentro do modelo da

¹ Neste trabalho, utilizaremos também a expressão “novela” (de forma genérica e também mais conhecida pelo telespectador) para nos referirmos às telenovelas.

heteronormatividade², com o qual o público se identifica melhor. Para Braga (2010) o casal contribuiu para a discussão de temas relevantes como a união estável, que só agora no século XXI foi legitimada.

Consequente, no final da década de 1990, surge o casal Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Christiane Torlone) de “Torre de Babel” (1998). Empresárias bem sucedidas, as personagens novamente se inscreveram dentro do modelo da heteronormatividade e dificilmente trocavam carícias íntimas. No entanto, mesmo com a inserção do casal neste modelo, a dupla desagradou os telespectadores, o que acarretou sua retirada da trama às pressas, por meio da morte delas na explosão do shopping em que trabalhavam. Segundo Braga e Silva (s/d *apud* Colling, 2009), Leila e Rafaela não contribuíram para a discussão acerca da homofobia e do preconceito, uma vez que não houve problematização e nem desconstrução do modelo heteronormativo, apenas a duplicação do discurso da correspondência sexo-gênero.

Decerto, o primeiro casal lésbico a ser aceito pelo público foi Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picareli), da novela “Mulheres Apaixonadas” e foi também o primeiro a permanecer até o fim da trama³. Não obstante, o relacionamento homoerótico das garotas foi apresentado paulatinamente ao público ao longo da trama, de forma que elas ganharam gradativamente a simpatia do mesmo. Além disso, a novela não apostou em falar de homossexualidade como foco temático, mas nas relações homoafetivas entre duas adolescentes que lidam com seus amores e também com o preconceito de pessoas próximas a, como a mãe de Clara, Margareth (Laura Lustosa) e Paulinha (Ana Roberta Gualda), colega de turma da escola onde estudavam⁴.

² A heteronormatividade “expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (CHAMBERS, 2003; COHEN, 2005, p.24, citado por MISKOLCI, 2009, p.156).

³ Fernandes e Brandão (2010) realizaram um estudo com gays, lésbicas e simpatizantes de um bar de Juiz de Fora – MG, sobre a receptividade dos casais homossexuais das telenovelas da Rede Globo. Os participantes consideraram o casal Clara e Rafaela os que melhor apresentaram a temática, seguidos do casal Eleonora (Mylia Christie) e Jeniffer (Bárbara Borges) de “Senhora do destino” (2004).

⁴ Em entrevista à Revista Época, o autor da novela, Manoel Carlos (2003), falou sobre a forma como pretendia conduzir o tema da homossexualidade feminina. Segundo ele, “Não será uma abordagem explícita sobre o homossexualismo, já que não me propus a isso, nem tal enfoque seria permitido no horário. Estou tratando de uma relação entre duas adolescentes, Clara e Rafaela, que se sentem atraídas e que se descobrem encantadas uma pela outra. Fizemos uma pesquisa que mostra que esses casos são comuns, principalmente nas escolas e nas academias de ginástica. São as 'amizades coloridas' de alguns anos atrás, só que com pessoas do mesmo sexo. Estou conduzindo o tema com delicadeza.”

Outro fator que contribuiu significativamente para a aceitação das personagens pelo público (e acreditamos ser um dos principais) foi o contexto no qual o tema da homossexualidade foi trabalhado – pedagógico e familiar⁵. Tratar dessa temática no âmbito escolar é de grande pertinência, pois como nos lembra Louro (1997), a escola é uma das principais instituições em que é feito o investimento disciplinar pautado na formação de homens e mulheres de verdade, ou seja, àqueles que estarão inseridos no modelo da heteronormatividade e do dispositivo sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2003).

Para entendermos como o modelo da heteronormatividade se naturalizou e se cristalizou na sociedade, é importante compreendermos o movimento descontínuo da história da sexualidade, como postula Foucault (1985). Segundo o filósofo, a sexualidade é um dispositivo disciplinar e biopolítico, que emerge no século XIX para controlar os corpos, as práticas e os desejos sexuais. Nesse sentido, esse dispositivo é uma construção maquinamente elaborada pelo saber médico, jurídico e governamental que produzem discursos sobre práticas sexuais ditas “normais”: a heterossexualidade, o casamento, e a adequação sexo-gênero.

A existência dessas práticas sexuais normatizantes, pressupõe a rejeição e marginalização das outras formas de viver a sexualidade. Surgem então, nesse dispositivo, as práticas sexuais ilícitas, anormais, patologizantes e também quatro formas de subjetividade: o homossexual, a criança masturbadora, a mulher histérica e o casal não maltusiano (FOUCAULT, 1985). Desta forma, é produzido o sujeito homossexual, diferente do sodomita, ele é uma nova espécie, marcadas por alterações hormonais, psíquicas e de conduta. Por isso, Weeks (2010) nos lembra que a homossexualidade sempre existiu (vide as relações homoeróticas que existiam desde a Grécia Antiga), mas o homossexual é uma invenção do século XIX. É essa “desnaturalização” da homossexualidade proposta por Foucault e também por muitos outros autores adeptos da Teoria Queer que as maiorias das novelas não consegue abordar. Inclusive porque o modelo heteronormativo é tão arraigado que a maior parte da sociedade não consegue questioná-lo.

A receptividade positiva do público e permanência do casal Clara e Rafaela durante toda a trama é devido também ao fato delas terem sido inseridas dentro do modelo heteronormativo (LOPES, 2008; COLLING, 2010). Contudo, Cecília e Laís, Leila e Rafaela foram casais descritos no mesmo modelo e não obtiveram boa receptividade do público. A diferença é que no

⁵ É importante ressaltar que “o tratamento realístico dado a alguns temas sem escamotear os elementos de conflito e preconceito, confere à novela alta credibilidade junto ao público” (LOPES, 2003, p.29).

caso de “Mulheres Apaixonadas” houve a articulação entre os discursos modernos e conservadores da sociedade, oferecendo “elementos para o debate em torno da homossexualidade e para promover o enfraquecimento ou transformação do entendimento da identidade heterossexual hegemônica, tal como a identidade sexual plural” (TONON, 2006, p.38 ; 40).

O objetivo deste trabalho é analisar a abordagem da homossexualidade feminina em novelas consequentes a “Mulheres Apaixonadas” a partir dos discursos produzidos sobre Clara e Rafaela. Além disso, pretendemos verificar se essas novelas possibilitaram um tratamento humanístico às lésbicas e se contribuíram na discussão sobre a diversidade sexual, o preconceito e a homofobia.

MÉTODO

Para a descrição biopsicossocial das personagens Clara e Rafaela, utilizamos a metodologia desenvolvida por Colling (2008) com base nos trabalhos de Moreno (2001)⁶ e Peret (2005)⁷. Esta metodologia é pautada na Teoria *Queer*⁸, utilizada para analisar personagens homossexuais de novelas, filmes e peças teatrais.

Foram analisados dez vídeos, disponibilizados no *site* “Youtube”⁹ com cenas de Clara e Rafaela em contexto escolar e familiar. As falas das personagens foram transcritas e foram submetidas à análise de práticas discursivas¹⁰ e à análise de conteúdo¹¹.

⁶ MORENO, Antonio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Niterói: EdUFF, 2001.

⁷ PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

⁸ A *teoria queer* contesta o modelo binário heterossexual/homossexual; masculino/feminino; homem/mulher e propõe a desconstrução da heteronormatividade como único modelo de prática sexual a ser seguido. O termo *queer* é utilizado pelos heterossexuais para se referir aos homossexuais como estranhos, anormais, pervertidos. Os adeptos da *teoria queer* utilizaram esse termo a seus favores, legitimando-o que essa “estranheza”. A suposta anormalidade é uma das outras formas de viver a sexualidade, além da heterossexualidade (LOURO, 2001; MISKOLCI, 2009).

⁹ Os vídeos foram acessados em 18 out. 2011. Não sabemos informar o número do capítulo e a data em que as cenas foram exibidas originalmente.

¹⁰ Segundo Spink e Medrado (2000, citado por Borges e Spink, 2009, p.443) as práticas discursivas são entendidas como maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. A análise pode ser feita do ponto de vista da dinâmica (enunciados orientado por vozes), da forma (gênero e discursos) e dos conteúdos (repertórios) dessas práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrição das personagens

Clara e Rafaela, são jovens caucasianas, de classe média alta e estudantes finalistas do Ensino Médio de uma escola privada – ERA. Clara é financeiramente dependente da família, tanto que um dos maiores conflitos da garota ocorre quando Margareth decide cortar esse apoio financeiro para que a filha deixe de morar com Rafaela e volte para a casa da família. Já Rafaela, mesmo sendo dependente dos pais, mora sozinha em um apartamento de luxo e tem carro à sua disposição. A família de Rafaela não aparece na novela.

No que concerne à gestualidade das personagens observamos que ambas não são masculinizadas, ou seja, consideradas “normais”, conforme o modelo da heteronormatividade. Em relação à subgestualidade, se vestem conforme o esperado para o dispositivo sexo-gênero. São garotas atentas à moda e gostam de se vestir bem.

As personagens possuem temperamentos diferentes – Clara é explosiva, age com hostilidade diante das atitudes preconceituosas de Paulinha e Margareth. Em diversas vezes Paulinha e Clara brigaram na escola por causa das provocações da primeira e, algumas vezes eram suspensas das aulas. Rafaela é calma, pacífica, prefere ignorar as atitudes preconceituosas e geralmente não revidava às provocações. Clara e Rafaela não se assumiam diretamente como lésbicas, no sentido da terminologia. Mas deixavam claro o envolvimento delas. Porém é importante destacar que certa vez Margareth chama Rafaela de lésbica e a garota assume: “Com muito orgulho!”.

Análise de conteúdo dos discursos das personagens

Os conteúdos das falas das personagens foram agrupados em quatro categorias: 1) Discurso homofóbico no contexto escolar; 2) Discurso da tolerância no contexto escolar; 3) Discurso homofóbico no contexto familiar; 4) Discurso da tolerância no contexto familiar.

¹¹ A análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis indefinidas) destas mensagens” (BARDIN, 1979, p.42).

Categoria 1: Discurso homofóbico no contexto escolar .

Esta categoria reúne elementos do discurso acerca da homossexualidade pautado no modelo binário normalidade-anormalidade. Este discurso proferido por Paulinha reafirma a normalidade das práticas heterossexuais depreciando a dos homossexuais, o que produz as diferenças e a marginalização dos modos plurais de gênero, sexo e desejo.

Cena: Paulinha provoca Clara. As duas brigam e caem na piscina

Paulinha: Já estão sabendo da novidade? Será montada, aqui na escola, a primeira versão gay de Romeu e Julieta. Serão duas mulheres. Quer dizer, mulheres mais ou menos, né? Porque mulher mesmo, de verdade, mulher normal, gosta de homem, claro.

Clara: Vem cá garota, repete isso, vai! Fala.

Paulinha: Eu disse que mulher normal gosta de homem. Alguém aqui discorda?

Clara: (joga suco na cara de Paulinha). Eu discordo, tá!

Paulinha: Olha o que você fez sapatona!!!!!!! (As duas brigam e caem na piscina)

Cena: Clara e Paulinha brigam na escola. Margareth repreende e insulta Rafaela por ela ajudar a apartar a briga.

Clara: Eu acabo com você! Sua caluniadora, dedo-duro!

Paulinha: Fui eu que inventei essa história? A escola inteira está sabendo.

Clara: Você não vale nada!

Paulinha: Quem não vale nada é você! Eu sou normal, eu gosto de homem.

Clara: Gosta? Haha. Gosta, mas não tem! Porque homem nenhum chega perto de você.

(As duas continuam se atracando. Rafaela tenta segurar Clara, mas é repreendida por Margareth)

Margareth: Não encosta a mão na minha filha!

Rafaela: Me larga!

Margareth: Lésbica!

Rafaela: Com muito orgulho! Mal amada. (grifos nossos)

A afirmação da heterossexualidade por meio da marginalização da homossexualidade é apontado por Weeks (2010) e Louro (2010) como uma maneira de manter o funcionamento do modelo heteronormativo. No entanto, Louro (1997, p.81) levanta a seguinte questão: “Se a identidade heterossexual fosse, efetivamente, natural (e, em contrapartida, a identidade homossexual fosse ilegítima, artificial, não natural), por que haveria a necessidade de tanto empenho para garanti-la?”. Assim, esse questionamento da autora aponta para o fato de tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são dispositivos de sexualidade, construídos socialmente. A identidade sexual se produz e se inventa a todo o momento, logo não existe uma fixação e cristalização dessa identidade. Por isso, manter a naturalidade da identidade heterossexual é tentar garantir a perpetuação das práticas sexuais regulamentadas e normatizadas (Weeks, 2010).

Louro (2010) afirma que a escola é o espaço mais difícil para o indivíduo assumir uma conduta/prática não-heterossexual, pois desde cedo, os alunos são educados para serem os homens e mulheres de verdade a que se refere Paulinha. A autora ainda revela que no espaço escolar, as crianças aprendem desde cedo a ridicularizarem, por meio de apelidos, piadas e gozações as outras que não se adequam ao padrão sexo-gênero¹².

Categoria 2: O discurso da tolerância no contexto escolar .

Essa categoria apresenta o discurso das personagens Helena (Christiane Torloni) e Lorena (Susana Vieira) – diretora e dona da escola, respectivamente, sobre o relacionamento de Clara e Rafaela. Elas, na maioria das vezes, se posicionam numa atitude tolerante em relação à homossexualidade na escola. Outra postura tolerante da escola em relação à homoafetividade ocorre quando Helena recusa o pedido de Margareth de trocar Clara e Rafaela de turma. Margareth, por sua vez, culpa a escola por não controlar e punir o comportamento desviante das alunas.

Cena: Após a briga na piscina, Clara e Paulinha são encaminhadas à diretoria onde são repreendidas por Helena.

Paulinha: Podem não comentar com você. Mas todo mundo sabe que essa daí e a Rafaela são...

Helena: São... São o que meu bem? São duas meninas que se gostam. E daí? O que isso interfere na sua vida? Na minha vida? Na vida dos seus colegas?

Paulinha: Ninguém é obrigado a aceitar.

Helena: Aceitar o quê? De que maneira isso te incomoda? Como isso te agride? Elas fizeram alguma coisa na sua frente? Alguma coisa que te ofendesse, te agredisse? Eu estou te fazendo uma pergunta Paulinha...

Paulinha: Não. Na minha gente nunca fizeram nada. Mas eu posso imaginar o que elas fazem quando estão sozinhas.

Helena: Isso não nos interessa. Como também não nos interessa o que os rapazes fazem com as suas namoradas fora das dependências desse colégio. Essas reações são infundadas, imaturas, pra não dizer desumanas. Somos todos iguais, meu bem. E se há diversidade devemos aprender a lidar com elas, porque vivemos em sociedade, onde os direitos e deveres de todos devem ser respeitados. (grifos nossos)

Cena: Clara e Paulinha brigam novamente na escola. As duas são encaminhadas à diretoria. Lorena conversa com elas sobre as brigas.

Lorena: Qual foi a razão da briga?

Rosinha: A razão é sempre a mesma. E todo mundo da escola sabe qual é. [...] É sobre a preferência sexual da Clara, é isso.

Lorena: É isso, Paulinha?

¹² Esse padrão é construído socialmente, e indica a correspondência entre o sexo biológico (homem-mulher) ao gênero (masculino-feminino). Desta forma, o homem deve possuir os atributos esperados ao gênero masculino (forma de se comportar, gestualidades, etc), o mesmo ocorre com a mulher. Sugerimos uma leitura mais aprofundada da obra de Louro (1997).

Paulinha: Eu não sei se o nome certo é preferência sexual ou desvio sexual.

Lorena: Paulinha, eu não posso acreditar que você tão jovem, vivendo no século XXI, se preparando para fazer um vestibular. O que você pretende fazer mesmo?

Paulinha: Direito. Eu quero ser advogada.

Lorena: Ah, direito. E como você pretende resolver suas causas carregadas de tantos preconceitos?

Paulinha: Não tem nada a ver.

Lorena: Tem sim. Se um homossexual, seja homem ou mulher procurar você para defendê-lo de uma agressão, de uma infâmia, você vai fazer o quê? Vai recusar? Vai fazer coro com o agressor? E se em vez de defender, você tiver que acusar alguém de um crime? E esse alguém for homossexual. Você vai citar esse fato como importante para condená-lo?

Paulinha: É diferente.

Lorena: Não é diferente coisa nenhuma meu bem. O preconceito qualquer que seja ele, deve ser repudiado. [...]

Porque você condena os que não tem a mesma preferência sexual que você?

Paulinha: É porque eu não acho que seja normal. (grifos nossos)

Cena: Margareth pede a Helena que impeça o envolvimento de Clara e Rafaela dentro da escola.

Margareth: Eu acho que a escola deve fiscalizar esse tipo de comportamento e comunicar aos pais.

Helena: Eu também acho. Mas nós não constatamos nenhum tipo de comportamento irregular. Pelo contrário – tanto a Clara quanto a Rafaela são dois excelentes exemplos de boa conduta.

Margareth: Não é possível, não se desgrudam dentro e fora da escola.

Helena: Mas nós não vemos nenhum mal no fato delas serem amigas. (grifos nossos)

Margareth: São mais que amigas.

Helena: Mais que amigas. O que você quer dizer com isso?

Margareth: Exatamente o que ouviu. A Clara saiu de casa dizendo que iria viajar, passar uns dias fora. Aí foi para a casa dessa outra e está lá até hoje, quase um mês. Estão morando juntas.

Helena: Veja bem, Margareth. Nós aqui estimulamos as boas relações entre os alunos. Estimulamos a generosidade, a amizade, a fraternidade. Nós não sabemos e nem nos envolvemos com a vida social de cada um. Dentro de casa, na família ou mesmo na rua. A menos que esses comportamentos, fora dos nossos padrões causem alguma consequência na vida escolar. No que diz respeito à Clara e a Rafaela, isso já mais aconteceu. Elas estão entre as mais aplicadas e as mais queridas alunas desta escola. Nós nos orgulhamos delas.

Margareth: Você não fala como mãe.

Helena: Eu falo como professora, como educadora. E posso garantir que se qualquer uma delas duas fosse a minha filha eu teria a mesma posição. Você sem dúvida pode proibir que a Clara esteja com a Rafaela, que a veja. Mas essa proibição não se estende à escola. Aqui meu bem, quem dá as ordens sou eu. E eu não tenho esse e nenhum outro tipo de preconceito. (grifos nossos)

Consideramos a postura de Helena e Lorena como tolerantes, ou como nos lembra Lopes (2008) “politicamente correto, na medida em que reduz a diversidade à uma mera questão de tolerância e respeito, sem ousar problematizar essas diferenças (p.14)”. Mesmo assim, podemos considerar que o discurso da homossexualidade no âmbito escolar possibilitou explorar o tema de forma humanística. Vemos que, Margareth ao cobrar da escola uma medida enérgica e eficaz, ou seja, controladora, punitiva, coercitiva do comportamento “desviante/anormal” da filha e de sua namorada, reproduz a ideia de que a escola deve assegurar a produção de sujeitos dentro do modelo heteronormativo (LOURO, 2010).

Nesse sentido, é importante que a escola seja um espaço onde ocorra a produção das identidades sexuais plurais. Talvez o primeiro passo seja ela conceber a homossexualidade como

uma produção história, social e cultural, e principalmente uma outra forma de existir, que não é certa e nem errada, apenas uma das possibilidades de existência, assim como a heterossexualidade.

Categoria 3: O discurso homofóbico no contexto familiar.

Esta categoria reúne elementos acerca do discurso sobre a homossexualidade no âmbito familiar. Acreditamos que o público se identificou com as falas das personagens, pois elas apresentam a perspectiva dos filhos e dos pais sobre a questão da orientação sexual. Observamos que o discurso de Margareth é marcado pela vergonha, desprezo e principalmente pelo desconhecimento acerca do que seja realmente a homossexualidade.

Cena : Margareth leva Clara à escola. As duas discutem. Margareth se descontrola e tenta atropelar Rafaela.

Margareth: Alguém tem que por um freio em você, Clara! Você não pode fazer o que quer.

Clara: Eu não faço o que eu quero mãe. Se eu fizesse eu não estaria morando de novo com vocês.

Clara: Mãe eu não quero que você vem me levar e me buscar da escola como se eu fosse uma criança.

Margareth: Você pode até não querer Clara, mas você vai e volta comigo ou sai da escola.

Clara: Mãe, porque você precisa implicar comigo 24 horas, hein?

Margareth: Porque eu amo você Clara! Porque é meu dever impedir que você se perca. Que você continue se perdendo...

Clara: Meu deus do céu mãe! Eu não fumo, eu não me bebo, eu não me drogo, como milhares de outras meninas fazem na minha idade.

Margareth: Mas desvio sexual é uma droga também, que vicia, que corrompe, que acaba levando à promiscuidade e, fatalmente, às outras drogas.

Clara: Sabia que você merecia uma filha perdida de verdade. Sabe, que caísse pelas ruas, drogada; pra você sentir a diferença. (grifos nossos)

Cena: Clara esclarece o seu relacionamento homoafetivo com Rafaela para Margareth

Clara: Por que eu não posso sair? Eu passo a semana toda estudando. É do colégio pra casa, da casa pro colégio. A única folga que eu tenho é quando eu tenho ensaio na casa do Rodrigo. Eu também tenho o direito de sair, de me divertir.

Margareth: Tem, tem sim, como qualquer menina normal da sua idade. Acontece que eu sei que você vai sair com aquela garota. Não tente me enganar, clara.

Clara: Quem é que disse?

Margareth: Ninguém me disse. Eu ouvi você falando no telefone com ela. Tava marcando encontro com ela.

Clara: Você anda ouvindo meus telefonemas agora?

Margareth: Ouço, ouço os seus telefonemas, mexo nas suas coisas, monitoro os seus horários, porque sou a sua mãe. E você ainda vive dentro dessa casa, não se esqueça disso, Clara.

Clara: Porque você me obrigou! Porque por mim eu já estaria longe daqui! Longe de você, mãe!

Margareth: É. Enfurnada na casa daquela outra?

Clara: Mãe, aquela outra tem nome, e é Rafaela, e ela é minha namorada, tá!

[...]

Margareth: Se você quer tanto se entender comigo, Clara, por que me faz sofrer desse jeito?

Clara: Mãe, você sofre porque você quer. Porque você é preconceituosa. Só enxerga o lado ruim das coisas. Por que você não me aceita assim do jeito que eu sou?

Margareth: Eu não posso, Clara. Eu não posso aceitar que você se transforme nisso. Não posso. (grifos nossos)

Cena: Margareth conversa com Clara sobre a possibilidade dela namorar um garoto

Margareth: Por que você não namora um rapaz?

Clara: Que rapaz?

Margareth: O filho do médico.

Clara: Mãe, o que você está querendo?

Margareth: Que você namore, Clara. Quantas vezes eu já falei? As minhas amigas me perguntam se você está namorando e eu minto, digo que você está.

Clara: E por que você mente?

Margareth: Porque eu tenho vergonha, Clara. Um a menina linda como você não está ai desfilando com um rapaz. Você pensa que isso não chama a atenção? Ai, meu Deus: Quem não tem um namorado entre as filhas das minhas amigas? Algumas têm até mais de um: dois, três. Saem pra dançar, saem pra jantar, vão ao cinema. E transam também e as minhas amigas abem e contam. E eu fico mentindo.

Clara: Que absurdo isso que você tá me dizendo, mãe?

Margareth: Eu falei outro dia pra Tânia, quando fomos almoçar juntas, que você estava namorando esse rapaz, o Rodrigo, filho do médico.

Clara: E você não podia ter feito isso. Eu nem conheço o pai dele, o filho dele. Como é que vai ficar a minha cara?

Margareth: Eu precisei dizer alguma coisa, Clara. Ela ficou me pressionando, contando dos namorados da filha, me perguntando de você. O que você acha que eu podia dizer?

Clara: Deveria dizer a verdade! Que eu não gosto de rapazes!

Margareth: Clara!

Clara: Que eu gosto da Rafaela!

Margareth: Quanta vergonha de você! (grifos nossos)

Cena: Margareth marca uma consulta com psicanalista para resolver o problema de Clara. As duas discutem.

Margareth: Clara, olha pra mim. Presta atenção: Marquei um médico pra você.

Clara: Que médico?

Margareth: Psicanalista.

Clara: Que psicanalista, mãe? Que história é essa agora?

Margareth: Conversei com a minha irmã sobre aquele assunto. Como médica ela sabe bem dessas coisas. Consegui para você uma consulta num dos melhores psicanalistas do Rio de Janeiro. Acha que deve conversar com ele sobre esse seu problema.

Clara: Mas de que problema, mãe? Quem é que disse que eu aqui tenho algum problema?

Margareth: Clara, you tem um problema. Pode ser grave. Pode ser irreversível, caso você não faça alguma coisa imediatamente, não procure ajuda. Sei lá: pode ser caso de hormônio, de mudança da adolescência pra idade adulta.

Clara: Mãe, escuta aqui: Eu não vou em psicanalista nenhum. Eu já fiz análise. Me encheu. Não me adiantou de nada.

Margareth: Porque você fez análise com uma mulher, Clara, que eu nem conhecia, nem sabia se era boa. Mas esse aí é homem, que é muito melhor que mulher pra entender desse seu problema. E esse é muitíssimo bem recomendado. (grifos nossos)

É importante observarmos a incoerência de Margareth em relação às práticas sexuais homossexuais e heterossexuais. Num primeiro momento, ela diz que o “desvio sexual” leva às outras drogas e à promiscuidade. Em outro diálogo, ela diz que as filhas de suas amigas têm vários namorados e transam com eles. Isso revela que Margareth valoriza as relações poligâmicas dentro do modelo heteronormativo, mostrando-se moderna ao considerar que as mulheres podem ter vários namorados, o que antes era só permitido aos homens. Beleli (2009) destaca que os personagens homossexuais das novelas do século XXI têm como principais características, a relação monogâmica. Não se verifica a infidelidade entre os casais. Em *Mulheres Apaixonadas*,

houve uma “crise” de identidade homossexual em Clara, que a leva corresponder a um beijo de Rodrigo (Leonardo Miggiolin). Porém, isso não foi considerado uma traição, apenas gerou insegurança em Rafaela, por achar que Clara poderia “mudar” de orientação sexual. Em uma cena Margareth presenteia Clara com um vestido e afirmava que vários homens ficaram aos pés da filha. A garota diz não se importar com os assédios porque é fiel ao seu amor, Rafaela.

Categoria 4: O discurso da tolerância no contexto familiar.

Nessa categoria observamos elementos de aceitação por parte de um modo de vida não-heteronormativo. O pai de Clara, não vê outra alternativa a não ser aceitar a condição homossexual da filha, já que segundo ele, serão inválidas as tentativas de Margareth de separar as garotas, pois mesmo que elas não permaneçam juntas, terão outras companheiras. Margareth acredita que a preferência sexual de Clara é causada pela influência da companhia de Rafaela. Roberto por sua vez, acredita que a escolha da filha é irreversível e, assim como a esposa, sonha para Clara o ideal de casamento dentro do modelo heteronormativo – ter filhos, netos e reproduzir a ideia de família normal.

Cena: Margareth mexe nas coisas de Clara e encontra as cartas de Rafaela. Ela sugere a Roberto, pai de Clara, uma forma de afastar as jovens, assim poderiam se curar da homossexualidade.

Margareth: Vamos deixar essa pouca vergonha acontecer debaixo de nossos olhos e não vamos tomar nenhuma atitude?

Roberto: Mas é isso que eu me pergunto. Isso vai adiantar alguma coisa? Elas se gostam, Margareth.

Roberto: Mesmo que você consiga isso, mesmo que elas briguem, mesmo que elas se separem; elas terão outras, Margareth.

Margareth: Você acha que ela vai ser assim pra vida toda?

Roberto: Você tem alguma dúvida?

Margareth: Não podemos achar que isso é normal Roberto. Eu não posso aceitar passivamente que a minha filha, a minha menina, a minha única filha abandone a ideia de casar, de ter filhos como qualquer menina normal. Tem que ter cura. Tem que ter solução. Tem que ter alguma maneira de mudar isso.

Roberto: O que você precisa é aceitar a Clara. Eu também não gostaria que ela fosse assim. Eu gostaria que ela gostasse de rapazes, namorasse, casasse e nos desse lindos netos. Mas ela não é. Ela não quer. (grifos nossos)

E o que o discurso da homossexualidade feminina em *Mulheres Apaixonadas* mudou a abordagem de casais lésbicos em novelas consecutivas?

Embora a aceitação das personagens pelo público e a permanência da abordagem na trama se deram pelas suas inscrições dentro do modelo heteronormativo, Lopes (2008) verifica que a novela possibilitou uma abordagem humanística sobre a homossexualidade e contribuiu para o combate ao preconceito e à homofobia. A esta mesma conclusão chegam Lima (2008) em relação às personagens Eleonora e Jeniffer de “Senhora do Destino” e Sant’Ana e Mesquita (2009) sobre Stela (Paula Burlamaque) e Catarina (Lília Cabral) de “A Favorita” (2009).

Contudo, observamos que a narrativa de revelação, recurso utilizado para a apresentação e/ou insinuação da homossexualidade dos personagens somente no final da trama (Oliveira 2002, citado por Colling, 2007) foi utilizado frequentemente com personagens homossexuais em novelas posteriores a *Mulheres Apaixonadas*. Este fato nos intriga e nos leva a questionarmos por que as novelas não estão debatendo de forma efetiva o tema da homossexualidade ao longo de toda a trama? Acreditamos que uma resposta possível a essa indagação se deve ao fato autores já consideraram superada a abordagem da discussão do tema em diversos espaços institucionais. Desta forma, eles apenas sugerem e insinuem o envolvimento homoafetivo das personagens, assim como nas primeiras novelas que se propuseram apresentar o tema da homossexualidade, conforme nos mostrou Peret (2005).

Na novela “Senhora do Destino” a homossexualidade feminina foi trabalhada de forma mais humanizada. O casal Eleonora (ou Léo) e Jeniffer (ou Jen)¹³ puderam demonstrar gestos afetivos em cenas mais íntimas de carinho e insinuação de relação sexual. Há cenas que elas acordam nuas, cobertas por um lençol, o que sugere uma noite de amor entre elas. Além disso, a novela apostou na conscientização de Jen em relação a sua identidade sexual. O público passou a torcer por Leo, desprezada por Jen, quando assumiu para a amiga o seu interesse por ela. Diferente dos outros casais que já surgem formados na trama, Jen e Leo se constituíram ao longo de toda a novela. Em relação ao discurso sobre a homossexualidade feminina em *Senhora do Destino*, observamos a tolerância da maioria dos personagens, exceto por Sebastião (Nelson Xavier), pai de Leo, que assim como Margareth que considerava a identidade sexual da filha

¹³ Para melhor descrição do enredo que envolve as personagens Leo e Jen sugerimos a leitura do artigo de Lima (2008).

como anormal, imoral, vulgar, patológica. Contudo, esse conflito entre Leo e o pai é passageiro. Ele compreende a orientação sexual da filha e passa a apoiar o relacionamento dela com Jen. As jovens adotam um bebê, Renato, encontrado por Leo em um hospital onde trabalha como médica. Após a adoção do menino, elas formam uma família, pautada dentro do modelo heteronormativo. Desta forma, a novela promoveu o discurso de temas importantes como a adoção homoparental e a união estável.

Diferente de Leo e Jen, o casal Rebeca (Carolina Ferraz) e Karen (Mônica Torres) de “Belíssima” (2006) surge apenas no final da trama e de forma insinuada. O desfecho dos personagens é uma viagem num cruzeiro, onde elas diziam ter uma nova vida juntas. Não podemos observar nem o discurso das personagens sobre a homossexualidade feminina, pois Rebeca e Karen decidem ficar juntas só no final da história. Nesse sentido, o relacionamento homoafetivo entre elas é fruto de uma série de tentativas e erros nos relacionamentos heterossexuais, pois tentaram se relacionar com homens várias vezes. Acreditamos que essa forma de abordagem aumenta o preconceito em relação às lésbicas, no sentido delas se tornarem homossexuais pelo fato de não terem sido infelizes com os relacionamentos hetero ou porque ainda não encontraram o homem certo.

Assim como em Belíssima, o relacionamento homoafetivo entre as personagens Stela e Catarina¹⁴, de “A Favorita” é insinuado e revelado no último capítulo. Contudo, os discursos sobre a homossexualidade feminina é sensibilizador, pois discutiu o preconceito. Stela é dona do restaurante em que trabalha Catarina. Com a perda da companheira de Stela, vitimizada por um câncer, a dona do restaurante se aproxima cada vez mais de Catarina que ainda desconhecia as relações homoeróticas. Quando Léo (Jackson Antunes), marido de Catarina descobre a preferência sexual de Stela, ele revela a todos os frequentadores do restaurante a verdade sobre a proprietária, o que causa o afastamento deles, e conseqüentemente, um prejuízo ao estabelecimento. Inconformada com essa situação, Catarina faz um discurso a favor da amiga, dizendo que cada um tem o direito de amar quem quiser e que a homossexualidade não influencia no caráter de ninguém. Este discurso é importante, uma vez que muitas pessoas preconceituosas e homofóbicas acreditam que o homossexual tem um caráter ruim, perverso. No final da trama, Catarina e Stela viajam para Buenos Aires, a primeira diz a família que estaria buscando novas

¹⁴ Para melhor descrição das características da personagem e do enredo das mesmas, sugerimos a leitura do artigo de Sant’Ana e Lima (2009).

experiências com a viagem, o que sugere a possibilidade de um relacionamento entre as duas mulheres.

Ao contrário de “Senhora do Destino” e “A Favorita”, a novela “Fina Estampa” (2011) abordou de forma preconceituosa e superficial a homossexualidade feminina. As personagens Íris (Eva Wilma) e Alice (Thaís de Campos) eram “trambiqueiras”, mau-caráter, exploravam e chantageavam Tereza Cristina (Christiane Torloni) e aplicavam golpes em Griselda (Lília Cabral). Alice tinha comportamentos e posturas masculinizadas, típico das “caminhoneiras” (gíria gay para a lésbica masculinizada). Eles se referiam a ela como “o guarda costas de Íris”, e muitas vezes a identificavam como sendo do gênero masculino. O envolvimento entre elas é insinuado ao logo da trama de forma preconceituosa e desrespeitosa, uma vez que os personagens fazem piadas sobre essa possível relação. Também é importante destacar que o envolvimento delas é revelado no final da trama somente para aqueles que entendem as gírias gays. Nos últimos capítulos da novela, elas se tornam caminhoneiras (no sentido literal da palavra) e viajam pelo Brasil inteiro dirigindo um caminhão. Nesse sentido, além da novela só revelar o envolvimento homoafetivo das personagens no final da trama, não permitiu que todas as pessoas tivessem acesso a essa revelação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossas análises e reflexões, concluímos que embora o tratamento dado às personagens Clara e Rafaela em *Mulheres Apaixonadas* tenha possibilitado a discussão da homossexualidade feminina nesta e em outras novelas, observamos também que nenhuma delas questionou e problematizou a desnaturalização dos modelos hegemônicos e heteronormativos. Isto significa que em momento nenhum se discute sobre a construção histórica, social, cultural e política da homossexualidade.

É evidente que a narrativa de revelação é uma das opções utilizadas pelos autores para não discutir e esgotar a temática da homossexualidade, principalmente no que concerne as personagens Íris e Alice de *Fina Estampa*. Acreditamos que as novelas atuais não discutem a homossexualidade feminina pelo fato dos autores terem dificuldades de encontrar novos repertórios de abordagem sobre este tema. Isto significa que, embora as novelas “*Mulheres*

Apaixonadas”, “Senhora do Destino” e a “Favorita” tenham possibilitado a discussão do tema, as outras novelas consideram que as questões conflitantes sobre a homossexualidade, e que merecem atenção, já foram superadas. Além do mais, trazem modelos de homoafetividade feminina já prontos que se adequam a atrizes famosas, não mais rejeitadas como eram anteriormente.

Acreditamos que o tema da homossexualidade não esgota as inúmeras possibilidades de abordagem, portanto, caberá aos autores desenvolver estratégias que possam discutir o assunto nos diversos espaços institucionais, sem tratar os homossexuais e os heterossexuais como vítimas e opressores, mas mostrando que as duas formas de expressar o desejo e a sexualidade são possíveis e que devem ser respeitadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manoel Carlos Gonçalves de. A vida como ela é. **Época** (versão *online*). 10 mar. 2003. Entrevista concedida a Kiko Cabral. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT499258-1666,00.html>>. Acesso em 02 ago.2012.

BELELI, Iara. “Eles [as] parecem normais”: visibilidade de gays e lésbicas na mídia. **Bagoas: estudos gays –gênero e sexualidade**, Natal, n. 2, p. 153-170, 2008.

BORGES, Lenise Santana; Spink, Mary Jane Paris.Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos?, **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v.21, n.3, p.442-452, 2009.

BRAGA, Cíntia. Vale Tudo? A representação do primeiro casal lésbico da telenovela brasileira.**In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Campina Grande (PB), 2010. Disponível em:<http://www.culturaesociedade.com/cus/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=56>. Acesso em: 01 ago.2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2003

COLLING, Leandro. A heteronormatividade nas representações de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo (1998 a 2008). **In: Encontro Baiano de Estudos da Cultura (EBECULT)**, 2., Feira de Santana – BA, 2009. Disponível em: <http://www.culturaesociedade.com/cus/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=56>. Acesso em 01 ago.2012.

_____. Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de Avental todosujo de ovo. **Bagoas:estudos gays, gênero e sexualidade**, Natal, n. 2, Natal, p. 153-170, 2008.

_____. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**, Niterói – RJ, v.1, n.1, p.207-222, 2007.

FERNANDES, Guilherme Moreira; BRANDÃO, Cristina. A recepção das personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: uma leitura da teoria dos Usos e Gratificações em um bar gay de Juiz de Fora – MG. In: **Colóquio Internacional da Escola Latino Americana de Comunicação**, 14., São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202010/arquivos/Trabalhos/1personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas%20%20Guilherme%20Moreira%20e%20Cristina.pdf>. Acesso em 04 ago.2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

LIMA, Marcelo. Estranhas no “Paraíso”: Análise das personagens homossexuais femininas em Senhora do Destino. In: **Encontro Baiano de Estudos Cultura (EBECULT)**, Salvador, 1., 2008. Disponível em: <http://www.culturaesociedade.com/cus/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=56>. Acesso em: 04 ago.2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Telenovelas brasileiras: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.26, p. 17-34, jan./abr. 2003.

LOPES, Maycon Silva. Sapatilhas acanhadas: a homossexualidade na telenovela Mulheres Apaixonadas. In: **Encontro Baiano de Estudos Cultura (EBECULT)**, 1., Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.culturaesociedade.com/cus/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=56>. Acesso em 01 ago.2012

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp.57-87.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, ano 9, p. 541-543, 2001.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2010, pp. 7-34.

PERET, Luiz Eduardo Neves. De “O Rebu” a “América”: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005). **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n.5. p.33-45, 2005. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_04_eduardo.pdf>. Acesso em 08 ago.2012.

SANT’ANA, Thiago.; MESQUITA, Gislene. O triunfo da sensibilidade: a representação da homossexualidade feminina em A favorita. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT)**, 4., Salvador – BA, 2009. Disponível em: <http://www.culturaesociedade.com/cus/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=56>. Acesso em 01 ago.2012.

TONON, Joseana B. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “Mulheres Apaixonadas”, **Goiânia**, v.9, n.1, p.30-41, 2006.

WEEKS, Jeffrey. Corpo e sexualidade. In: _____. **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2010, pp.35-82.